

CONSIDERAÇÕES SOBRE A MEMÓRIA E O SILÊNCIO DO PACIENTE

CONSIDERATIONS ABOUT MEMORY AND THE PATIENT'S SILENCE

Luis Maia

Licenciado em Filosofia e Mestre em Direito, com especialização em Direitos Humanos. Vice-Decano dos Assuntos Acadêmicos na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Nacional Timor Lorosa'e (UNTL). Doutorando pela Escola de Educação e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

Recebido: 28 de abril de 2019

Aceito: 19 de outubro de 2019

Publicado: 17 de novembro de 2019

CONSIDERAÇÕES SOBRE A MEMÓRIA E O SILÊNCIO DO PACIENTE

Luis Maia¹

Resumo: O presente artigo tem como objetivo descrever o conceito de memória e do silêncio do paciente na teoria psicanalítica freudiana. Mediante a análise dessa teoria, esse estudo visa mostrar que a memória, na Psicanálise, sempre esteve presente na formulação freudiana. A memória guarda o conhecimento do passado. Constituída por elementos inconscientes, a dinâmica entre o recordar e o repetir seria a memória em ato. Por sua vez, o silêncio do paciente, constitui uma linguagem, uma forma de dizer sem palavras.

Palavras-chave: memória; paciente; silêncio; psicanálise; Sigmund Freud.

CONSIDERATIONS ABOUT MEMORY AND THE PATIENT'S SILENCE

Abstract: This article aims to describe the concept of memory and patient silence in Freudian psychoanalytic theory. Through analysis of Freud's theory, this theoretical study aims to demonstrate that memory, in psychoanalysis, was always present in the formulation freudian. Memory holds the knowledge of the past. Consisting of unconscious elements, the dynamic between remembering and repeating would be memory in action. In turn, the patient's silence constitutes a language, a way of saying without words.

Keywords: memory; patient; silence; psychoanalysis; Sigmund Freud.

O presente artigo faz uma reflexão acerca dos conceitos de memória e do silêncio do paciente, refletindo na linha da pesquisa psicanalítica freudiana. Esta opção deve-se ao fato de que o fazer da psicanálise ocupa-se com a história de vida, o cotidiano, o dito e o não dito, e como as pessoas lidam com as suas dúvidas, paixões, dificuldades, experiências e desafios no dia-a-dia.

¹ Professor de Filosofia e Vice-Decano dos Assuntos Acadêmicos da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Nacional Timor Lorosa'e. Doutorando em Filosofia pela Escola de Educação e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Brasil. <https://doi.org/10.53930/27892182.dialogos.4.68>

Podemos pensar a memória como um armazém, sendo esta vista como uma série de sistemas que cabem todos os tipos de conhecimentos e experiências. Ela seleciona, grava e desvia todas as experiências passadas. Entretanto, a memória serve não somente para armazenar experiências passadas, mas também para a projeção da imaginação. Ela está em movimento. A memória, em termos gerais, pode ser entendida como a capacidade de conservarmos ideias ou imagens que podem ser recuperadas por meio da lembrança e da recordação que permitem o registro, a conservação e a restituição da experiência.

A raiz da memória é a vida mesma. A vida em si, é um passeio, um acontecimento e um movimento, tanto em direção ao passado quanto em direção ao futuro, que inicia com o nascimento e termina com a morte. Sendo assim, ninguém sabe prever até onde ela irá. A memória, para além da dimensão individual e idiossincrática de cada sujeito, também contribui para a preservação da história, da cultura, mantendo viva a tradição de uma época. Portanto, de forma mais geral, a memória ocupa uma dimensão essencial e uma parte integrante do intuito psicanalítico.

A psicanálise torna-se um conhecimento incontornável para qualquer um que queira estudar a memória. Sigmund Freud utilizou a expressão psicanálise “para designar sua teoria da mente, bem como um certo método de investigação e um certo método terapêutico” (Abbagnano, 2000, p. 808). Método este que consiste em um vínculo estabelecido entre o analista e o paciente onde as resistências são gradualmente superadas trazendo ao consciente o conteúdo inconsciente causador de tensões. A memória, por remeter as vivências passadas (concretas ou abstratas) que influenciam a subjetividade humana, tornou-se um objeto de estudo constante nos escritos de Freud (1899/1996) e na construção da teoria psicanalítica. Para Major (2002, pp. 18-19):

A psicanálise – sua teoria, sua prática, sua instituição, é completamente uma ciência do arquivo e do nome próprio, de uma lógica da hipomnésia que explica as lacunas da memória, daquilo que arquiva a lembrança, transformando-a, ou ao contrário que a desarquiva, apaga, destrói; uma ciência também de sua própria história, da de seu fundador, da relação de documentos particulares com a elaboração de sua teoria e com tudo aquilo que, de maneira subterrânea, pode explicar sua manifestação no mundo.

A importância da psicanálise enquanto teoria consiste, em primeiro lugar, em destacar a função do fator sexual em todas as manifestações da vida humana. Pela primeira vez, esse fator deixou de ser uma zona de ignorância para a ciência podendo, assim, ser estudado em seus reais modos de ação. Em segundo lugar, a psicanálise forneceu um conjunto de conceitos que, embora possam ser passíveis de controvérsia, prestam-se a ser utilizados por vários ramos da psicologia contemporânea, principalmente se isentos do dogmatismo com que alguns seguidores de Freud os trataram (Abbagnano, 2000). A psicanálise também pode ser entendida como uma forma de construção narrativa ou como uma via de acesso ao conteúdo criativo da memória. A natureza revolucionária do conhecimento adquirido por meio da psicoterapia, e pelo contato com o inconsciente, subverte qualquer noção de identidade humana estável.

Colocado isto, toda teoria psicológica, filosófica, histórica e sociológica que almeja ser digna de consideração terá que fornecer uma explicação adequada para a memória dentro dos seus respectivos campos de investigação. Um ponto em comum acerca da percepção da memória pode ser que a sua construção não se confunde com a de um instrumento a serviço de trocas inter-humanas subsequentes. Ela não é uma, mas ela é múltipla. Conforme Freud (1986/1996) a memória não existe de maneira prefixada, mas é registrada de diversas maneiras envolvendo uma pluralidade de signos perceptuais.

Inúmeros estudos acerca do conceito de memória no arcabouço teórico freudiano (ver Farias, 2008; Gabbi Junior, 1993) afirmam que esta pode ser dividida em dois tipos: uma memória no plano simbólico que pode ser alterada e esquecida; a outra seria a memória na acepção do termo, ou seja, estaria inconsciente e inacessível ao pensamento racional e consciente.

A memória assim, conforme Casanave (2008) teria entre as suas características o ser constituída pelos processos inconscientes, ter um carácter associativo, ser organizada e reorganizada ao longo do tempo, e um aspecto causal, pois forma-se após os eventos ocorrerem. Neste sentido Abbagnano (2000, p. 657) comenta que a memória é construída em duas condições ou momentos distintos: primeiro ocorre por meio da “conservação ou persistência de conhecimentos passados que por serem passados, não estão mais à

vista: é a retentiva. Segundo, a possibilidade de evocar, quando necessário, o conhecimento passado e de percebê-lo como atual ou presente: é propriamente a recordação”.

No estudo sobre *Recordar, repetir e elaborar*, Freud (1914/1996) pretende mostrar uma mudança no paradigma acerca do entendimento da memória, evidenciando não somente os aspectos físicos-funcionais-anatômicos (dinâmica neuronal e a relação entre cérebro, hipocampo, córtex cerebral), mas sim destacando os componentes inconscientes. A noção de repetição, dentro da perspectiva psicanalítica, assume certo destaque no processo que envolve a memória, pois repetir é uma maneira de recordar em ato. Dito de outra forma, o indivíduo não mais rememora o que esqueceu ou reprimiu, mas sim reproduz enquanto uma ação, repetindo sem necessariamente saber que o faz.

O tratamento psicoterápico envolve uma série de decisões do analista acerca das estratégias a serem adotadas na diminuição dos sintomas do paciente. Para Freud, objetivo do tratamento psicanalítico é preencher as lacunas da memória (Bastos, 1999). No entanto, uma das dificuldades enfrentadas no ato do tratamento reside justamente na eficácia do tratamento propriamente dito ou das técnicas terapêuticas. Com relação ao silêncio do paciente, será que ele é inócuo ou uma verdade empírica constatada por meio da prática? O silêncio significa não dizer. Mas por que não disse nada? No conhecimento vulgar, o silêncio está classificado em dois tipos, isto é, o silêncio objetivo e o silêncio subjetivo. O silêncio objetivo corresponde a ausência de som. O silêncio subjetivo é a pausa reflexiva empregada com o objetivo de acentuar o que foi dito anterior ou posteriormente ao silêncio. O silêncio também, é empregado como um recurso verbal para comunicar alguma questão em particular, como a raiva, a depressão, entre outros.

Do mesmo modo, o silêncio, as vezes, pode ser entendido como um sinal de sofrimento, dor, não querer ouvir e/ou ignorância. O silêncio não quer que ninguém lhe diga, ou seja, deve esquecer. O silêncio, assim, pode ser uma tentativa de acalmar o ruído em nossas mentes. Da mesma forma, o silêncio também pode estar associado ao amor. Amar alguém, mas não poder dizer nada, não querer perdê-lo, não querer afastá-lo, não querer que as coisas fiquem estranhas se não for recíproco.

Segundo a psicanálise a ‘fala’ pode ocorrer por vários caminhos que não necessariamente envolvem a comunicação verbal. Isto significa que mesmo os lábios estando em silêncio, o corpo irá comunicar algo. O silêncio pode ser a abstenção de falar ou a ausência do ruído, mas sempre está comunicando alguma coisa. Ou seja, de forma aparentemente paradoxal, o silêncio em psicanálise é fala.

Podemos observar isto em pacientes terminais em leitos de hospitais que recusam-se a falar sobre a sua dor, sobre a sua finitude, em enfrentar o silêncio da morte. Esta recusa, ou silêncio, está comunicando constantemente. Este silêncio seria um *jogo de linguagem* – para usar a expressão de Wittgenstein (1994) –, pois revela, comunica, possui códigos que precisam ser contextualizados para compreendermos os seus significados. Significados estes que, para a psicanálise, podem ser encontrados no exercício da rememoração, pois a memória nos estimula a olhar para o passado, pensar no presente e vislumbrar um futuro encontrando conexões e produzindo narrativas.

Para concluir, podemos dizer que Freud iniciou uma inovadora teoria ao destacar o inconsciente como um lugar que congrega o silêncio e a fala. Desta forma, a psicanálise nos fornece um conjunto de técnicas e recursos lógico-linguísticos para compreendermos a memória, lidarmos com os silêncios, reorganizarmos as nossas narrativas pessoais e, assim, termos a chance de rescrevermos a nossa própria história.

REFERÊNCIAS

Abbagnano, N. (2000). *Dicionário de Filosofia*, Trad. da 1.^a edição brasileira Afleredo Bosi, Rev. da Trad. e trad. dos novos textos, Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes.

Bastos, A. (1999). Sobre a lembrança: Uma abordagem psicanalítica dos limites estruturais da memória. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 12(3).
<https://doi.org/10.1590/S0102-79721999000300006>

Casanave, C. M. I. de L. (2008). As tramas de mnemosine: A memória nos primórdios da teoria freudiana. *Tese de Doutorado*: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, Campinas, SP: [s. n.].

Farias, F. R. (2008). Pensando a memória social a partir da noção de “a posteriori” de Sigmund Freud. *Morpheus*, 8, 13.

Freud, S. (1896/1996). Carta 52. In *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. 1, pp. 281-287. Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1899/1996). Lembranças Encobridoras. In *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. 3, pp. 285-306. Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1914/1996). Recordar, repetir e elaborar. In *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. 12, pp. 161-174. Rio de Janeiro: Imago.

Gabbi Junior, O. F. (1993). A teoria do inconsciente como teoria da memória. *Psicologia USP*, 4 (1-2).

Major, R. (2002). *Lacan com Derrida*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Wittgenstein, L. (1994). *Investigações filosóficas*. Petrópolis: Vozes.

Direitos Autorais (c) 2019 Luis Maia



Este texto está protegido por uma licença [Creative Commons](#)

Você tem o direito de Compartilhar - copiar e redistribuir o material em qualquer suporte ou formato - e Adaptar o documento - remixar, transformar, e criar a partir do material - para qualquer fim, mesmo que comercial, desde que cumpra a condição de:

Atribuição: Você deve atribuir o devido crédito, fornecer um link para a licença, e indicar se foram feitas alterações. Você pode fazê-lo de qualquer forma razoável, mas não de uma forma que sugira que o licenciante o apoia ou aprova o seu uso.

[Resumodalicença](#) [Textocompletodalicença](#)